

504. VOLITANDO, 2011) SOLANGE

vieram os deuses
plantaram insulas
uma ilha-mãe,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
a ilha branca, a azul
a verde, a lilás,
castanha e cinzenta
amarela, rosa e preta

nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
onde dantes havia água
nos montes verdes
cuspiam fogo rugiam dragões
tremiam os chãos secavam ribeiras
vomitavam magma choviam trovões
de thor filho de odin
olvidado das gentes e animais

pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino mas sabiam-se culpados

ainda hoje penam
com liberdades que não pagam díizimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas

mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

500. ILHARIAS (AO VASCO PEREIRA DA COSTA, 2010 M^a JOSÉ SOUSA

a ilha

 quilha
que ilha?
 a ilha

parto num parto precoce
náufrago em terra
açoires à vista

as lhas
 – que ilhas?

nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos
 tremuras
 ternuras atlânticas
 atlântidas

ilhas cativas
 no tempo e no espaço
perdidas nas brumas
 no basalto e na lava

piratas
 corsários
 aprisionam poetas
 geram autores
 concebem amores

ritos e crenças
 benzeduras
 contra doenças e maleitas

há momentos como este
 que deviam ficar eternos
parados no tempo

tudo pela ilha
tudo pelas ilhas
obrigado Vasco
por desvendares estes nossos mares

671 EU FUI (2015) ALEXANDRE BORGES

eu fui a seia e ceei
eu fui ao fundão e afundei-me
eu fui à guarda e guardei-me
eu fui ao douro e dourei-me
eu fui a olhão e olhei-me
eu fui ao coa e coei-me
eu fui às flores e flori-me
eu fui à praia e espraiei-me
então o urbano b disse-me
eu fui ao pico e piquei-me

596. DA MINHA JANELA O MAR É DEUS 2013 PEDRO PAULO CÂMARA

o mar é deus,
as ondas a sua palavra,
os romeiros alimentam-se dela
(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo
da minha janela vejo o mar
o meu quintal é enorme
abarca a linha do horizonte
a minha janela é enorme
abre-se ao círculo dos céus
o meu oceano é enorme
chega às ruínas dos atlantes
só a minha escrita é pequena
nas grades desta prisão

503 ODE AO IPM: A CHINA E A LUSOFONIA 2011 SOLANGE GOMES

a cabeça de jade do dragão
volitava promessas
nós dançando em volta e cantando
eram portuguesas as palavras
chinesas as faces
íamos falar de lusofonias
aprendemos harmonias
hospitalleiras gentes
fazendo nossa a casa delas
trataram-nos com honrarias
lusófonos dignitários qing
deram lições de progresso
aprendemos seculares tradições
partilhamos verbos e nomes
comidas e sabores
humildes aprendizes de feiticeiros
pasmados
deslumbrados
fizemos vénias e sorrimos
cativados
fascinados.
prometemos voltar.

•

501.2. PARTIR (À CONCHA E A UMA GALIZA LUSÓFONA), 2011 MARIA JOSÉ SOUSA

partir!
cortar amarras
como se ficar fosse já um naufrágio
ficar
como quem parte nunca
partir
como quem fica nas asas do tempo
ficar
como se viver fosse uma morte adiada
partir!
cortar amarras
cortar grilhetas
vencer ameias
velas ao vento
olhar o mundo
descobrir liberdades
esta a mensagem
levar o desespero ao limiar
até erguer a voz
sem medos
até rasgar as pedras
e o ventre úbere
semear desencanto
sorrir à grande utopia
nascer
- de novo -
dar o salto
transpor a fronteira
entre o ter e o ser
imaginar
como só os loucos sabem

e então chegaste
com primaveras nos dedos
e liberdade por nome
loucas promessas insinuavas
despontaste
como quem acorda horizontes perdidos
demos as mãos
sabor de início do mundo
pendão das palavras por dizer

esta a revolução
minha bandeira por desfraldar.

617. GEOMETRIAS, MOINHOS 2013, ANÍBAL

a vida é só geometria
saí para a rua
tive um acidente
entrei num círculo vicioso
lembrei-me do triângulo amoroso
mas só encontrei bestas-quadradas

523. A PAZ ZEN DO EDUARDO BETTENCOURT PINTO, 2011 HELENA BARROS

não esqueço as tuas palavras
o tom suave da tua fala
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos
de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e saís fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor
na alma em sulcos profundos
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos
falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras
das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem

POESIA 26 ABR 2025 FLORES - LER SEMPRE TÍTULO E ANO

menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida
já o disse antes
e repito aqui
para que o saibas

(ah! como eu gostava
de ser poeta
como tu
viver outras vidas
utopias).

632. SER AÇORIANO 2013, CHRYS CHRYSTELLO

não se é ilhéu por nascer numa ilha
é preciso sentir-lhe a alma
partilhar raízes e dores
acartá-la nos partos difíceis
tratá-la nas enfermidades
acariciá-la nas alegrias
plantar, semear e colher seus frutos
alimentar as suas tradições
preservar a sua identidade
não se é açoriano sem amar as ilhas
levá-las ao fim do mundo
morrer por elas, com elas, para elas